

# Os Sentidos de uma Identidade Afro-Descendente nos Discursos de Brancos

## Autores

---

Yvy Costa

## Orientador

---

Telma Regina de Paula Souza

## Apoio Financeiro

---

Fapic

## 1. Introdução

---

O racismo tem suas raízes na história da humanidade e é fruto da relação com o outro, com o "diferente". Para entender esse processo, no entanto, é necessário, primeiramente, entender o indivíduo, suas relações tanto subjetivas quanto objetivas, ou seja, é necessário entender a identidade individual, coletiva e étnica, conceitos indispensáveis para esta discussão

Jacques d'Adesky (2001) apresenta algumas definições de identidade. Uma delas é como Maleck Chebel entende a identidade.

Maleck Chebel caracteriza a identidade de diversas formas. Para ele, a identidade é uma estrutura subjetiva marcada por uma representação do "eu" oriunda da interação entre indivíduo, os outros e o meio. É, ao mesmo tempo, um estado da pessoa, em um dado momento de sua existência, no qual umas das vertentes, negativas ou positivas, podem predominar, sendo que a harmonia está sempre em projeto. Ao longo da existência, acrescenta ele, a identificação do indivíduo aos ideais que lhe são propostos constitui o elemento dominante de uma marca que é, ao mesmo tempo, subjetiva e objetiva. Dessa forma, a identidade remete a um estado, uma estrutura ou uma disposição caracterizada e definível externamente à referência temporal. (2001, p. 40)

Apesar do termo identidade ter sua origem etimológica no latim *idem*, "o mesmo" essa condição de igualdade está referida a questões enraizadas na memória e no hábito do indivíduo: suas tradições comunitárias, suas características únicas e peculiares e a representação da pessoa em momentos distintos de sua vida. Sendo assim, não se trata de algo que está pronto, finalizado, fechado, mas de algo que se modifica lenta e imperceptivelmente, sofrendo mudanças e variações em sua relação com a sociedade. (NASCIMENTO, 2003).

Esse constante movimento que caracteriza a identidade deve-se ao fato de que ninguém vive isolado, só.

A identidade pode ser vista como uma espécie de encruzilhada existencial entre indivíduo e sociedade em que ambos vão se constituindo mutuamente. Nesse processo, o indivíduo articula o conjunto de referências que orientam sua forma de agir e de mediar seu relacionamento com os outros. Com o mundo e consigo mesmo. (NASCIMENTO, 2003, p.31)

O ser humano é social e, portanto, sua identidade é também fruto de sua interação com o outro e o meio. A compreensão de Hegel sobre o homem, segundo D'Adesky (2001), baseava-se no desejo de reconhecimento. Segundo ele, o homem deseja o desejo do outro, ser reconhecido pelo outro, ou seja, sua humanidade e dignidade está intimamente ligada ao valor que o outro lhe atribui.

A interação com o outro faz com que também transmitam uma imagem de identidade que pode ser aceita ou recusada. Nesse sentido, a identidade implica um processo constante de identificação do "eu" ao redor do outro e do outro em relação ao "eu". O olhar sobre o outro faz aparecer as diferenças e, por estas, a consciência de uma identidade (D'ADESKY, 2001, p. 40)

O diferente torna-se fundamental para reconhecimento do mesmo, ou seja, da identidade. D'Adesky apresenta a idéia de pertencimento de Malek Chebel, que usa o sentimento de pertencimento para dizer da passagem de uma identidade individual para uma identidade coletiva. Esse sentimento, porém, não basta para falar de identidade coletiva, esta também está relacionada com o processo de identificação. É através da identificação que o indivíduo se define socialmente, ou seja, se reconhece como parte de um grupo. O sentimento de pertencimento vem através das identificações.(D'ADESKY, 2001). É através das identificações e do sentimento de pertença que se configura a identidade coletiva e étnica. Através das identificações e do sentimento de pertença o indivíduo se sentirá como parte de uma etnia, por exemplo.

Faz parte do humano atribuir valor àquilo que é diferente, e isso é automático. Ela parte da própria cultura e dos próprios princípios que definem o outro. E faz parte do processo de constituição da Identidade, tanto individual quanto coletiva e étnica.(D'ADESKY; BORGES; MEDEIROS, 2002)

A questão do preconceito, racismo e etnocentrismo se configura justamente na atribuição de valor negativo ao outro, ao diferente. A tendência humana de comparar e classificar tudo que existe foi o que levou ao termo raça, uma distinção entre seres humanos que leva em conta aspectos biológico. Essa classificação de seres humanos em raças acabou por provocar uma hierarquização, definindo umas como superiores a outras. E é a base do racismo.

No caso brasileiro, segundo Ferreira (2000), o racismo torna-se mais difícil de se identificar por que a segregação não aconteceu de forma explícita, ou seja, não foi prescrita por lei como em outros países, o que posteriormente levou a sociedade brasileira a aceitar um certo mito de democracia racial que encobre o preconceito e o torna mais difícil de ser denunciado. A miscigenação de povos que aqui existem dificulta a caracterização do povo brasileiro, o que confunde e dissimula a discriminação e o racismo.

A busca por uma identidade nacional alçou o mestiço a representante da cultura brasileira. Segundo Schwarcz (1999), a obra de Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala*, trazia o mestiço como representante nacional, sendo, então, considerado como a gênese da nacionalidade brasileira, trazendo consigo o mito de "democracia racial" e de uma convivência pacífica entre as raças. Mas como mito, a democracia racial se distanciava da realidade nacional.

Nota-se então um racismo dissimulado. Apesar da suposta convivência pacífica entre raças, a hierarquização das mesmas continuou. A elevação do mestiço a representante nacional só abafou e camuflou o preconceito existente no país.

Por uma espécie de feitiço branco travestido de método científico, a hierarquia racial da escala gradativa de cor e prestígio, uma verdadeira pigmentocracia, foi transformada numa estrutura tida como neutra no sentido racial. Segundo essa tese, a categoria "raças" não existiria como classificação social nas sociedades "latinas". Ao contrário do critério norte-americano de classificação racial pela origem (a chamada hipodescendência), o critério da cor, que classifica pela "marca" ou pelo fenótipo, seria de natureza puramente estética, divorciando da noção de origem racial ou étnica e, portanto, não-racista. Se a cor preta, com sua correspondente aparência, revela-se a menos prestigiada nessa escala hierárquica tal fato nada teria a ver com a "raça" ou a origem africana anunciada pela cor. Se à cor dos mulatos ou mestiços atribui-se um *status* inferior à branca, trata-se de um critério estético ou de classe desprovido de qualquer implicação racial.

Assim pretendeu-se apagar da história e da cultura da América "Latina" a existência e a operação do supremacismo branco, ideologia que justifica a dominação dos outros pela suposta superioridade dos povos brancos do Ocidente hegemônico. (NASCIMENTO, 2003, p. 46)

Por acreditar culturalmente na não existência de qualquer tipo de discriminação pela raça. As diferenças econômicas e sociais existentes entre negros e brancos são tratadas como mera coincidência ou então resquício estrutural deixado pelo sistema escravista.

Uma das atitudes tomadas no combate ao racismo são as ações afirmativas que buscam através de uma discriminação positiva equiparar as condições e possibilidades entre as raças superando assim as diferenças infundadas entre essas raças.

## **2. Objetivos**

---

Objetivo do projeto é a compreensão dos sentidos de uma suposta identidade afro-descendente nos discursos de indivíduos que se reconheceram como brancos no primeiro senso étnico racial da Unimep.

## **3. Desenvolvimento**

---

O método utilizado foi o qualitativo e teve como sujeitos alunos, professores e funcionários da Unimep que se reconheceram como brancos no I Censo Étnico-Racial da UNIMEP. O processo de coleta de dados foi através de entrevistas semi-dirigidas. Para análise das entrevistas foram construídos 3 eixos temáticos, a saber : Identidade afro-descendente, o negro no Brasil (realidade e racismo) e desigualdade e superação

## **4. Resultados**

---

O que a princípio fica claro nas entrevistas dos sujeitos que se reconheceram como brancos é que o termo

afro-descendente traz consigo uma mudança de nomenclatura, em relação ao termo negro, mas não de significado. Ser afro-descendente significa ser descendente de negros, ou seja, a idéia de uma etnia afro, que traria consigo elementos culturais, não foi ainda substituída pela questão da raça que traz consigo o fator biológico. Apesar de não se falar mais em diferentes raças mas sim em apenas uma, a humana, a idéia de várias raças ainda domina o imaginário social. A desracialização, pressuposto do mito democracia racial, cai por terra, já que, em todos os casos analisados, foram demarcadas as diferenças, sejam elas sociais ou econômicas, entre negros e brancos, em que o branco aparece como aquele que, em uma estrutura social hierárquica, estaria acima de todas as demais raças. A maior parte dos sujeitos diz que, para atribuição de raça ou etnia para alguém, levam em conta primeiramente aquilo que é visível e que não necessita de contato direto, ou seja, cor da pele e traços físicos (características biológicas). Elementos culturais, ancestralidades, entre outros, ou não são levados em conta, ou estão como últimos critérios.

Essa é uma característica humana, segundo D'Adesky. Nomear, classificar e atribuir valor àquilo que se vê de forma automática, irrefletida, assumida culturalmente pelo indivíduo e que traz consigo a chave para a manutenção dos preconceitos e diferenças, mantendo assim a divisão social pelas diferentes raças.

Fernandes afirma que de fato a sociedade brasileira e os brancos brasileiros, não estavam preparados para o negro livre.

"A escravidão não preparou o seu agente humano para tornar-se um trabalhador livre, nem mesmo como trabalhador não especializado ou semi-qualificado. Por trás da estrutura social da ordem social escravocrata e senhorial, o 'escravo' e o 'negro' eram dois elementos paralelos. Eliminado o 'escravo' pela mudança social o 'negro' se converteu num resíduo racial." (1972, p. 67)

A idéia apresentada nos discursos é que o processo de abolição não preparou a sociedade para integrar os novos livres o que provocou um *deficit* na população escravizada e sua descendência. Tal preceito naturaliza a exclusão tanto social quanto econômica dos negros e responsabiliza a cultura e a história passada, duas vertentes difíceis de serem mudadas. O que se reproduz culturalmente é a imagem negativa da raça negra, associada sempre a pobreza, sofrimento, escravidão, marginalização e medo. A negritude é vista quase que como um estigma que definiria o sujeito *a priori* a um lugar de exclusão social, de marginalização, sendo que é este lugar que definiria seu jeito de ser, sua conduta.

Partindo da idéia de exclusão social da raça negra, característica essa reconhecida por todos os entrevistados podemos considerar a fala de Burity em seu texto *Desigualdade e a Abolição Inconclusa*, diz:

Não somos menos modernos que os ditos países avançados, mas o somos condenando pelo menos um terço da população à marginalidade mais abjeta, sem que pessoalmente se tenha de dizer que o "desejemos" ou sem nos sentir responsáveis por esse quadro, ou por decisões anteriores que nos chegam como herança maldita, para usar um jargão corrente da política nacional, que só nos caberia "reconhecer". Mas ao nos mostrar indiferentes ou mesmo compartilhar a ideologia "espontânea" que descarta milhões como essencialmente desiguais e não-necessários, ao legitimar a precariedade da situação dessas pessoas como azar ou merecimento (culpando-os por sua situação), ao "tocar as coisas" como se nada pudessemos fazer ou como se "eles" (O estado, os ricos, os políticos, as elites, etc.) tivessem de resolver o que nos declaramos impotentes para tanto, contribuimos, ainda que passivamente, para o reforço da exclusão e sancionamos a violência, por mais que nos "horrorizemos" com o que "os outros" fazem — os incluídos contra os excluídos ou os excluídos entre si.

A idéia do preconceito cultural e histórico é de fato relevante e deve sim ser levado em conta para a análise da situação de exclusão dos afro-descendentes, todavia, ao tornar-se algo abstrato e intocável, ela elimina do sujeito comum o sentimento de responsabilidade sobre essa questão permitindo assim que o preconceito se mantenha.

Algumas falas culpabilizam, em certa medida, os negros por sua exclusão, seja pela falta de iniciativa, seja por que estes já internalizaram o sentimento de inferioridade, ou ainda por que estes possuem preconceitos e dessa forma impedem uma melhor relação entre as raças, tornando difícil o convívio com os mesmos.

Outro dado interessante levantado pela pesquisa é a visão que os entrevistados têm sobre África. Esta se apresenta como lugar desconhecido, traz consigo imagens de exploração, dor, tristeza, pobreza. Em alguns discursos a idéia de belezas naturais e riquezas culturais aparecem sem, no entanto, sobreporem as de miséria e sofrimento. Há uma paridade entre o que se entende por África e por raça negra.

A maioria, no entanto, acredita que algo deve ser feito para superação das desigualdades e apresentam algumas soluções para tanto. A educação é na grande maioria das vezes apresentada como a possível solução. Há, no entanto, ressalvas com relação ao tipo de educação, a mais apontada é a educação familiar e a de base. A idéia é preparar a todos de tal forma que não haja necessidade de bolsas e cotas para quaisquer indivíduos. Outros, ainda, acreditam que as cotas de fato possa ser uma saída para a superação das diferenças, já que medidas devem ser tomadas ainda que pontualmente como início de uma possível superação.

## 5. Considerações Finais

---

Muitos dos entrevistados não possuíam amigos mais próximos negros e não convivem diariamente com um grande numero de afro-descendentes. Tendo em vista a comunidade entrevistada (a comunidade Universitária) pode-se concluir que este é um lugar da elite, de pessoas que tiveram em sua grande maioria acesso a educação de boa qualidade, e quando não, tiveram melhores condições que milhões de brasileiros inclusive uma grande parcela de negros. O ambiente elitizado possui um numero significativamente pequeno de negros, o que aumenta ainda mais a falta de conhecimento sobre esse grupo e portanto possibilita a manutenção do preconceito.

## Referências Bibliográficas

---

BURITY, Joanildo A. Desigualdades e a Abolição Inconclusa In *Revista Impulso*, Piracicaba/SP: Ed. UNIMEP, vol 17, maio-ago, 2006 (21-31)

D'ADESKY, Jacques. *Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001

D'ADESKY, Jacques; BORGES, Edson; MEDEIROS, Carlos Alberto. *Racismo, Preconceito e Intolerância*. São Paulo: Atual, 2002

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo do branco*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972

FERREIRA, Ricardo Franklin. *Afro-descendente: identidade em construção*. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000

NASCIMENTO, Elisa Larkin. *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*. São Paulo: Summus, 2003

S

CHWARCZ, Lilian K. Moritz. *Questão racial e etnicidade*. O que ler na ciência social brasileira (1970-1995), São Paulo, 1999.